



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**INTERSECÇÃO DA ESPETACULARIZAÇÃO NAS ESCOLHAS JORNALÍSTICAS
DO PODCAST “A MULHER DA CASA ABANDONADA”**

LAÍS SANTANA MENÊZES DE ARAUJO

Brasília, Distrito Federal
Setembro, 2024



LAÍS SANTANA MENÊZES DE ARAUJO

**INTERSECÇÃO DA ESPETACULARIZAÇÃO NAS ESCOLHAS JORNALÍSTICAS
DO PODCAST “A MULHER DA CASA ABANDONADA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de Brasília como parte do Projeto
Final em Jornalismo e requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.
Orientadora: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão
Ribeiro Carvalho

Brasília, Distrito Federal

Setembro, 2024



LAÍS SANTANA MENÊZES DE ARAUJO

**INTERSECÇÃO DA ESPETACULARIZAÇÃO NAS ESCOLHAS JORNALÍSTICAS
DO PODCAST “A MULHER DA CASA ABANDONADA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como parte do Projeto Final em Jornalismo e requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Brasília, 20 de setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
Orientadora

Profª Drª Fernanda Vasques Ferreira
Membra titular

Profª Drª Nathalia Coelho da Silva
Membra titular

AGRADECIMENTOS

Esta é a primeira vez que eu me sento para escrever e me vêm um lapso de um eu jornalista, a real parte de mim que me inclinou para esse curso. A verdade é que como uma típica geração Z, a novidade sempre me atraiu. Mas o que me guiou mesmo foi o amor.

Desde que comecei a pensar no TCC espero pelos agradecimentos, porque é aos meus que devo toda conquista. A minha rede de apoio é indecifrável, e é por ser tão acolhida que eu consegui respirar quando parecia difícil. Dedico este trabalho a todos que de alguma forma cruzaram minha trajetória, física e simbolicamente. Por ordem alfabética: a minha avó Eunice, que me fez acreditar no quanto eu sou especial. Meu amor que me apoiou tantas vezes. À minha avó Oraci e ao meu avô Guilherme, que me marcaram nas melhores memórias.

À Beatriz, que tatuou meu coração para sempre com tinta azul. Você é amor nos mínimos detalhes. Agora, nosso lar não cabe só no apartamento 106, acho que sequer um dia coube.

À Evellyn, que, de encontros e reencontros, se tornou meu lar. Nosso amor é lado a lado para sempre, de alma e coração.

À Isa, que sempre me pareceu uma amiga de longa data pela facilidade que tive em gostar de você. Isa fez parte deste processo e fez meus dias mais leves.

À Jéssica, que viveu cada fase da minha vida até agora comigo, de perto ou de longe. Nossa história é preciosa, nosso amor é intocável.

À Luísa, que me abraçou desde o primeiro contato. É clichê, mas Luísa é um raio de esperança e luz tão potente que é impossível esquecer seu amor, fico aliviada por não precisar tentar.

À minha mãe, minha maior certeza na vida. Falar de você é mais difícil, porque foi você quem esteve lá, ciente, preocupada e cuidadosa quando eu nem sabia quem eu era. Você é singular desde o nome até o espaço que ocupa no meu coração. Meu amor é por nós.

À Maninha, Laiane. Eu não poderia ter vindo a esse mundo sem você, que me marcou como irmã desde o meu primeiro sentido. Nascer com um amor da vida te esperando é um dos principais motivos pelos quais eu consigo correr atrás dos meus sonhos.

À Maria Alice, que grudou na minha alma desde o primeiro olhar. Eu sabia que éramos feitas uma pela outra, seu amor é o que a UnB me trouxe de mais importante.

À Neuza, que me acolheu como parte da sua família.

Ao meu pai, que sempre acreditou na minha capacidade e me incentivou a ser gigante. Meu modelo de dedicação e base sólida de amor, sem os quais eu não conseguiria chegar até aqui.

À Paulina, minha história preferida.

À Rafiza. A primeira vez que eu pude dizer que alguém parecia uma mãe para mim, com a sensação do que isso realmente significa, foi quando Rafiza pegou na minha mão. O peso de uma mãe é específico, mas ser como uma mãe significa tanto amor quanto, é o carinho por pessoas especiais que passam pela nossa vida com cuidado, atenção e dedicação e acabam acessando aquele lugar nostálgico do colo de mãe. Sem Rafiza este trabalho não seria possível, e parte da minha trajetória como estudante ainda ansiava por uma Rafiza assim, exatamente como ela, em algum momento.

Aos meus refúgios (e superiores) Ariel, Dináh, Cisco, Fátima, Fred, Polly, Romeu, Sagwa, Sol, Zack, Zeca, e à novata aspirante à Rebeca. À minha recente companheira Ravena, minha fagulha de energia.

À Renata, que esteve ao meu lado desde a infância, constante, intensa e fiel. Minha confidente e um dos meus maiores amores da vida.

Ao Thomás, que me fez sentir como se o mundo tivesse estacionado ao meu redor no momento em que soube da sua existência. Ser sua tia me faz mais eu, e mais feliz.

A todos vocês que me ensinaram sobre amor, o meu eterno.

RESUMO

Esta pesquisa identifica como as escolhas narrativas e de produção do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” — conduzido por Chico Felitti para a *Folha de S.Paulo*, em julho de 2022 — contribuem para sua repercussão espetacularizada, a partir de Análise de Conteúdo conforme definida por Bardin (2016). Amplamente reproduzido, o conteúdo extrapolou as barreiras do digital e levou o público a transformar a casa em ponto turístico. Para entender a responsabilidade do jornalista sobre a disseminação de “A Mulher da Casa Abandonada”, o trabalho é resultado da hipótese de que o *podcast* se apoia na exploração de dores da escravidão contemporânea ao passo em que produz um distanciamento entre a branquitude e sua herança racista. Os resultados indicam que o conteúdo abordado reproduz tendências hegemônicas de representação acerca do conceito de raça, bem como de gênero e violência, gerando a banalização, e contraditoriamente, a espetacularização do assunto.

Palavras-chave: Racismo; Espetacularização; *podcast*; violência; Jornalismo.

ABSTRACT

This research identifies how the narrative choices and production decisions of the podcast “A Mulher da Casa Abandonada” — hosted by Chico Felitti to *Folha de S.Paulo*, in July 2022 — contribute to its spectacularized impact. Widely disseminated, the content transcended digital platforms and led the public to turn the house into a tourist attraction. To understand the journalist's role in disseminating “A Mulher da Casa Abandonada,” this study is based on the hypothesis that the podcast relies on exploring contemporary slavery's pains while creating a distancing effect between whiteness and its racist heritage. The study employs Bardin's (2016) Content Analysis, specifically focusing on gender, race, violence, and sensationalism. The results indicate that the content addressed reproduces trends in the representation of concepts such as race, gender, and violence, leading to both the trivialization and, paradoxically, the spectacularization of the subject.

Keywords: Racism; spectacularization; podcast; violence; Journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 QUATRO CONCEITOS E SUAS RELAÇÕES COM A MÍDIA: GÊNERO, RAÇA, VIOLÊNCIA E ESPETACULARIZAÇÃO.....	13
2.1 Gênero.....	13
2.2 Raça.....	16
2.3 Violência.....	18
2.4 Espetacularização.....	20
3. PODCAST E “A MULHER DA CASA ABANDONADA”.....	23
3.1 Podcast.....	23
3.2 A Mulher da Casa Abandonada.....	27
4 METODOLOGIA.....	31
5 ANÁLISE.....	33
5. 1 Identidade de gênero.....	33
5.2 Distanciamento de raça.....	36
5.3 Descrições de violências.....	38
5.4 Termos que denotam interesse no espetáculo.....	41
6 CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende identificar como o racismo atravessa o conteúdo jornalístico no *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”, criado pelo jornalista Chico Felitti, para o jornal *Folha de S.Paulo*. O objeto de pesquisa, em sua própria autodefinição, é um *podcast* narrativo da *Folha de S.Paulo* “que investiga a história de vida de uma figura misteriosa” (A Mulher..., 2022). A figura a qual se refere é Margarida Bonetti, uma mulher branca e brasileira acusada de escravizar uma mulher negra e brasileira nos Estados Unidos e depois fugir do país quando o crime foi descoberto — afirmação reforçada, inclusive, pelo jornalista Chico Felitti ao longo dos episódios. O conteúdo vai narrar a história que levou ao momento atual em que Margarida Bonetti se encontra (em 2022, época em que o *podcast* foi veiculado), com elucidações sobre o crime que ela cometeu, violências presentes no processo e os motivos pelos quais a acusada não sofreu consequências judiciais.

Ao escutar o *podcast*, questionamos alguns mecanismos escolhidos pelo jornalista, tanto para a trilha sonora quanto para o texto do roteiro, no tratamento das pessoas envolvidas e na abordagem das situações representadas. A construção da paisagem sonora do *podcast* pode colaborar com a fetichização — nesse caso um fetiche criativo, já que jornalista opta por uma abordagem mais literária —, além da própria espetacularização, de um crime real de racismo e escravidão. Por isso se justifica a necessidade de analisar o peso de determinadas histórias para a Comunicação e o Jornalismo brasileiros. Buscamos compreender como o caso de uma mulher negra escravizada por um casal brasileiro, branco e rico, nos Estados Unidos, foi escolhida para um programa de sete episódios que descreve minuciosamente violências sofridas pela vítima por cerca de 20 anos e transforma a agressora em protagonista. Apesar de definir o produto como jornalismo investigativo, o jornalista se utiliza de abordagens exageradas, pitorescas e com fundo sonoro condizente às intenções midiáticas da produção por trás do *podcast*.

Após a divulgação do conteúdo, redes sociais como *TikTok*, *X* (antigo *Twitter*) e *Instagram*, ficaram repletas de curiosos com o assunto, ora preocupados com as condições nas quais Margarida Bonetti se encontrava em uma casa abandonada, ora apagando os sentidos violentos que a história carrega. Em uma matéria do Brasil de Fato a autora afirma que a “repercussão sensacionalista deixa debate sobre escravidão moderna e racismo crônico da elite brasileira em segundo plano” (Lacerda, 2022)¹. Seja gravando vídeos em frente a

¹ LACERDA, Nara. A Mulher da Casa Abandonada: estamos falando sobre o que realmente importa? **Brasil de fato**, São Paulo, 21 de julho de 2022. Disponível em:

casa, tirando e publicando fotos com pastas brancas na cara — em alusão ao creme usado por Margarida Bonetti e descrito nos episódios —, ou veiculando, em tempo real, situações subsequentes à publicação do *podcast*, como quando a influenciadora Luisa Mell foi até a casa para resgatar possíveis cachorros em situação de negligência por parte de Margarida Bonetti, o *podcast* abre espaço para as críticas que recebeu.

O *podcast* viralizou, atraindo muita atenção do público, mas o racismo de um caso que teve uma mulher negra escravizada por décadas não é o tema mais discutido. Em vez disso, boa parte da mídia explora a curiosidade em torno da branca rica, figura que simboliza a mentalidade racista da elite tradicional brasileira. E as coberturas são, muitas vezes, coniventes com ela, apesar do crime hediondo que cometeu (Lacerda, 2022).

Mesmo que não fosse a repercussão esperada, a narrativa proposta por Felitti colabora com o imaginário social — disseminado pela mídia — que se atrai por tragédias e fetichiza crimes de violência racial, transformando-os em espetáculos repletos de violências veladas. Por isso, vamos analisar como a narrativa do *podcast* e os mecanismos midiáticos escolhidos pelo jornalista auxiliam na repercussão espetacularizada do conteúdo. Pensando nisso, pretendemos identificar como a produção do *podcast* se tornou cúmplice da repercussão espetacularizada do conteúdo ali informado, e de que maneira a produção jornalística da série se tornou uma espécie de subterfúgio para tangenciar a responsabilidade daquele jornalista em relação ao conteúdo e a disseminação.

A análise foi feita por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), depois de observado cada episódio que compõe o *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”. Através da profundidade teórica e social do tema abordado, parte da metodologia que guiou este trabalho foi pautada em levantamentos bibliográficos que abordam os conceitos de gênero, Jornalismo, mídia, raça, violência e espetacularização. Para isso, usaremos autores como Cida Bento (2022), Guy Debord (2003), Susan Sontag (2003), Yves Michaud (1989), Patrícia Hill Collins (2020), Sueli Carneiro (2023), entre outros.

Para ilustrar os termos, examinamos estudos de caso relevantes que destacam a recorrência de espetacularização da violência por parte da mídia, bem como as abordagens pelo qual o conceito de racismo passa — ou deixa de passar — no campo da Comunicação. Isso pode incluir casos em que a busca pelo estilo narrativo superou a obrigação ética dos relatos dos fatos, bem como artigos e reportagens que abordam o assunto.

<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/21/a-mulher-da-casa-abandonada-estamos-falando-sobre-o-que-realmente-importa>.

De acordo com Sílvia Caroline Gonçalves (2015), em “Violência e Mídia: espetacularização em jogo”:

É sabido que, na construção de textos midiáticos, a escolha de determinadas palavras e o apagamento de outras pode direcionar a certos efeitos de sentido, os quais refletem a uma determinada posição – sujeito de uma determinada ideologia (Gonçalves, 2015, p. 2).

A reflexão da pesquisadora guia o olhar do leitor para os interesses midiáticos por trás de certas abordagens, porque, apesar de a estância estar submetida à lógica da informação, também está sob a lógica de mercado. Uma lhe exige credibilidade, a outra resultados (Gonçalves, 2015).

Em “A Mulher da Casa Abandonada”, as escolhas jornalísticas para texto, roteiro e edição são cúmplices da repercussão espetacularizada do *podcast*. Apesar de destacar a intenção social na veiculação do *podcast*, os mecanismos literários e midiáticos escolhidos pelo jornalista auxiliam no pós publicação. Por trás de uma premissa de respeito à identidade da vítima, o conteúdo explora sua vivência de variadas formas, seja narrando violências sofridas por ela, ou detalhando os trejeitos “curiosos” de Margarida Bonetti. Para Michaud (1989, p. 11):

Das diversas modalidades de produção da violência segundo os instrumentos em causa, não é a mesma coisa matar com a própria mão, fuzilar e assinar uma ordem de bombardeio. Os progressos tecnológicos se orientam no sentido de uma violência produzida indiretamente por meios cada vez mais “limpos”.

Dentre esses progressos tecnológicos, a mídia é forte candidata a reproduzir tais violências, e a produção de “A Mulher da Casa Abandonada” converte o interesse relatado como mostrar que a escravidão contemporânea existe (A Mulher..., 2022) em prol da própria narrativa.

Dessa forma, este trabalho é dividido em cinco capítulos: “Quatro conceitos e suas relações com a mídia”; “*Podcast* e ‘A Mulher da Casa Abandonada’”, “Metodologia”, “Análise” e “Conclusão”. O capítulo dois aborda os quatro conceitos centrais para a ótica desta pesquisa, bem como seus entrelaçamentos com a mídia. É onde se inicia o nosso referencial teórico, com os principais autores que guiaram este material.

O terceiro capítulo reúne conceitos norteadores sobre a história do *podcast* como mídia e suas definições ao longo do tempo. Em seguida, apresenta o objeto de pesquisa e suas implicações ao redor dos conceitos de gênero, raça, violência e espetacularização.

O quarto capítulo explica o método de pesquisa selecionado para desenvolver este trabalho: a Análise de Conteúdo, de Bardin (2016). Ao longo do texto são apresentadas também as categorias nas quais a análise se apoiou.

O quinto e último capítulo revela os resultados da análise. O tópico apresenta os principais recortes que confirmaram a hipótese inicial desta pesquisa, e como o distanciamento de raça, o recorte de gênero, as descrições de violência e a espetacularização ao redor de todos esses aspectos revelou um *podcast* que contribui com a banalização de violências estruturais, sobretudo as raciais.

2 QUATRO CONCEITOS E SUAS RELAÇÕES COM A MÍDIA: GÊNERO, RAÇA, VIOLÊNCIA E ESPETACULARIZAÇÃO

Para promover um discurso informativo transparente, confiável, ético e respeitoso com a sociedade é importante observar alguns conceitos que atravessam o Jornalismo. Partindo da percepção de sociedade midiaticizada contemporânea, conceitos como raça, violência e gênero — bem como violências raciais e de gênero —, devem ser compreendidos pelos profissionais de Comunicação em suas diversas representações, assim como as consequências de uma replicação espetacularizada de conteúdos que estão diretamente relacionados aos conceitos citados.

Como percebido em variados contextos da sociedade brasileira, as desigualdades de gênero e raça, atreladas à violência, também influenciam a produção de conteúdo informacional. O Jornalismo pode repetir a estigmatização de assuntos já tão mal explorados. Por isso, como reflete Bento (2022, p.13), “é preciso reconhecer e debater essas e outras relações de dominação para criar condições de avanço para outro tipo de sociedade e outros pactos civilizatórios”.

Avaliar os aspectos desiguais que entrelaçam gênero, raça e violência são centrais a este trabalho porque o mesmo envolve o estudo de um *podcast* que marca os três eixos. São violências de uma mulher branca contra uma mulher negra descritas em prol do entretenimento e que, com a disseminação do conteúdo, influencia na construção de uma identidade mais ou menos distante do ouvinte.

2.1 Gênero

A interseccionalidade entre as desigualdades de classe, raça e gênero deve ser considerada ao abordar representações dessas divisões sociais na mídia, uma vez que as intersecções entre elas impactam cada grupo de diferentes formas, bem como influenciam na tomada de atitudes políticas variadas. A noção de gênero é fundamental para entender fenômenos e comportamentos na sociedade, assim como as condições estruturalmente impostas às várias camadas que coexistem em um mesmo conceito. Para isso, à luz do pensamento de Judith Butler (2003), este trabalho parte da ideia de gênero como uma construção social e que, portanto, não constitui uma identidade singular. Apesar de serem mulheres, as diferentes identidades entre mulheres trans, mulheres negras e mulheres brancas as colocam em condições de vida, socialização, saúde, moradia e educação distintas.

Em *Problemas de Gênero — Feminismo e subversão de identidade*, Butler (2003) afirma que gênero é diferente de sexo, já que o gênero é “culturalmente construído” e, por isso, além de não ter uma relação direta com sexo, o gênero também não é uma consequência dele. A autora explica:

O gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (Butler, 2003, p.17).

Para Butler (2003), ainda, o gênero perpassa diversas culturas, então equivoca-se quem pensa que mulheres do mundo inteiro sofrem com as mesmas opressões e estão sujeitas às condições delegadas pelo mesmo patriarcado. A ideia do feminino está tradicionalmente ligada à noção binária de gênero como maculino/feminino, entendimento este que não leva em consideração as conjunturas decorrentes de classe, raça e etnia na formação da identidade. É a partir dessa normatividade que as instituições classificam os corpos femininos e masculinos, que, distante do cerne de gênero, produzem opressões de acordo com cada rótulo. Mesmo que esse discurso se recuse a tangenciar desigualdades, seus reflexos são retroalimentados pelo próprio argumento quando este produz e perpetua a binariedade, e, consequentemente, injustiças, porque mulheres brancas se beneficiam da subalternização de mulheres negras.

Pensar as relações de poder é um ponto chave para se aprofundar nos estudos de gênero, são elas que vão identificar o sujeito e os elementos históricos, políticos e sociais que os inferiorizam em posição de poder, assim como os contextos que colocam outros em lugares de imposição. Ainda em *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*, Butler (2003) questiona a hipótese feminista que considera uma única representação de mulher no estudo sobre a desigualdade de gênero e a aplica na construção do movimento. Para que um movimento sobre mulheres e para mulheres seja efetivo — no que tange a identificação de opressões — é necessário que ele compreenda todas as suas existências.

No livro *Interseccionalidade*, de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), as autoras analisam a multiplicidade de consequências e conexões entre violências sofridas por diferentes grupos sociais. Entre os exemplos que confirmam a ideia, está a ascensão do movimento de mulheres negras no Brasil e como o conceito de interseccionalidade é evidenciado com esse fenômeno.

Nas décadas de 1960 e 1970, as ativistas negras estadunidenses enfrentaram o quebra-cabeça que fazia suas necessidades relativas a trabalho, educação, emprego e acesso à saúde simplesmente fracassarem nos movimentos sociais antirracistas, no feminismo e nos sindicatos que defendiam os direitos da classe trabalhadora. Cada um desses movimentos sociais privilegiou uma categoria de análise e ação em detrimento de outras: por exemplo, raça no movimento em favor dos direitos civis; gênero no movimento feminista; classe no movimento sindical. Considerando que as afro-americanas eram também negras, mulheres e trabalhadoras, o uso de lentes monofocais para abordar a desigualdade social deixou pouco espaço para os complexos problemas sociais que elas enfrentam. As questões específicas que afligem as mulheres negras permaneciam relegadas dentro dos movimentos, porque nenhum movimento social iria ou poderia abordar sozinho todos os tipos de discriminação que elas sofriam (Collins e Bilge, 2021, p. 18 e 19).

A obra destaca que é crucial considerar as violências por uma lente multifocal, que leve em conta classe, gênero e raça em suas experiências coletivas. Elas exemplificam:

Lentes exclusivas de gênero, pelas quais os agressores são homens e as vítimas são mulheres, ou lentes exclusivas de raça, que priorizam a violência policial contra homens negros em detrimento da violência doméstica contra mulheres negras, mostram as limitações do pensamento não interseccional (Collins e Bilge, 2021, p.71).

As condições de gênero não têm os mesmos critérios e efeitos para mulheres brancas e para mulheres negras. Mulheres brancas recebem tratamento diferenciado de acordo com os lugares que ocupam, visto que classe e raça as distanciam. Fabiane Albuquerque e Vanessa Diniz (2022) identificam a infantilização de mulheres brancas como um dos fenômenos em consequência da posição destas em um lugar de privilégio simbólico e estrutural. A socialização das mulheres brancas de classe média e alta inclui a presença de empregadas domésticas negras desde a infância, o que reforça para as mulheres brancas suas concepções de superioridade, já que uma mulher racializada estará sempre a disposição,

Não somente para as tarefas da casa, mas para a afirmação do próprio ego e da identidade racial, de gênero e de classe, enquanto aquela que precisa dos cuidados no trabalho doméstico e emocionais de outra mulher (Albuquerque e Diniz, 2022, p. 62).

A mídia é determinante na reprodução desses estereótipos, já que fomentam atribuições sociais associadas às mulheres brancas, papéis esses que criam uma identidade conjunta na qual apenas elas se reconhecem (Albuquerque e Diniz, 2022). Em contrapartida, invisibiliza mulheres negras e destina a elas os lugares de subalternidade.

No *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”, a mulher branca de classe alta e a mulher negra escravizada por ela são identificadas em condições completamente distintas,

posições que são resultado de uma história que coleciona mais de 300 anos de escravidão e tem efeitos enraizados ainda no século XXI.

2.2 Raça

Em *O Pacto da Branquitude*, Cida Bento (2022) sublinha a existência de um pacto narcísico em volta das relações entre pessoas negras e pessoas brancas. Para a autora, a supremacia branca incrustada na branquitude — conceito explorado por ela no texto — é fundamental para a manutenção de uma sociedade desigual no que se refere às relações entre negros e brancos,

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor. As noções de “bárbaros”, “pagãos”, “selvagens” e “primitivos” evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. Como diz Edward Said, o olhar europeu transformou os não europeus em um diferente e, muitas vezes ameaçador, outro. E esse outro tem muito mais a ver com o europeu do que consigo próprio. Analisando a visão do europeu sobre os não europeus, pode-se concluir que aquele ganhou em força e em identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o “homem universal”, em comparação com os não europeus (Bento, 2022, p. 21).

Bento explica que a branquitude se constituiu ainda no processo de colonização, já que a identidade dos europeus brancos foi desenvolvida em cima de um contraste entre eles e os africanos e negros. Em decorrência, segundo a autora, “a natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão” (Bento, 2022, p. 22).

A dominação política, cultural, econômica e protetora dos privilégios brancos, em contraste com as péssimas condições de trabalho, vida e morte relegadas às pessoas negras, exemplificam o pacto da branquitude. Cida Bento observa que “fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos às populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas” (Bento, 2022, p. 19). Para além da injúria racial, estudar a estrutura racista da sociedade brasileira pressupõe pensar também a branquitude e como ela se perpetua na mídia, como, por exemplo, em casos como o explorado pelo *podcast*.

A partir da leitura de *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser* (2023), de Sueli Carneiro, o conjunto de interações, instituições e discursos que fundamentam as desigualdades raciais é definido como um dispositivo de racialidade, conceito que leva em consideração a formação das relações raciais no Brasil.

Sueli Carneiro revisita a ideia de dispositivo, desenvolvida por Michel Foucault, e potencializa a teoria ao voltá-la para as questões raciais no Brasil, bem como as estruturas que foram construídas ao redor delas desde a colonização. Para Carneiro, “relações de poder, práticas e saberes se articulam, um dispositivo instaura uma divisão que tem efeitos ontológicos, constituindo sujeitos através da enunciação sobre o Outro” (Carneiro, 2023, p.25). Ela pontua:

O racismo, enquanto pseudociência, busca legitimar a produção de privilégios simbólicos e materiais para a supremacia branca que o engendrou. São esses privilégios que determinam a permanência e a reprodução do racismo enquanto instrumento de dominação, exploração e, mais contemporaneamente, de exclusão social em detrimento de toda evidência científica que invalida qualquer sustentação para o conceito de raça. A sustentação do ideário racista depende de sua capacidade de naturalizar a sua concepção sobre o Outro. É imprescindível que esse Outro dominado, vencido, expresse em sua condição concreta aquilo que o ideário racista lhe atribui (Carneiro, 2023, p. 20).

A autora destaca ainda a influência do mito da democracia racial para o silenciamento sobre racialidade e, portanto, para a manutenção de posições onde brancos se beneficiam da produção de exclusões — em discursos e práticas sociais — de pessoas negras. Essas interdições são geradas pela própria identidade do branco, que só é porque existe um outro negro, aos quais os lugares de subalternização estão reservados e naturalizados. Para Carneiro, a raça é um demarcador de divisões e, “por meio dela se evidencia o valor de cada agrupamento humano, a medida de sua humanidade, a normalidade de cada qual” (Carneiro, 2023, p. 36). Para a proteção da identidade do indivíduo branco é necessária a permanência de uma relação de poder na qual o negro é inferiorizado.

A mídia é catalisadora na reprodução de violências raciais quando o conteúdo disseminado colabora com a folclorização do racismo — bem como o distanciamento do fenômeno do receptor — e o afasta da contemporaneidade, tornando o conceito distante do imaginário da branquitude que não se considera parte da herança racista brasileira. A posição privilegiada de pessoas brancas em relação às pessoas negras é inegável, mesmo que o privilegiado de 2024 não tenha se colocado nessa posição diretamente, ainda é o opressor, se observada a relação desigual institucionalizada entre negros e brancos.

A repercussão de “A mulher da casa abandonada” partiu da forma como o jornalista instigou a curiosidade sobre a figura de Margarida Bonetti, que levou várias pessoas a visitarem o bairro, fotografarem a mansão abandonada de Higienópolis-SP, e ainda, serem fotografadas em frente a residência, como em um ponto turístico. Em matéria de Yasmin

Morais para a revista *Carta Capital*², a escritora explica como a exposição de Margarida Bonetti faz parte de um imaginário social que, comumente, busca em outros a libertação da culpa racista que a sociedade brasileira carrega e ainda, explicita a necessidade de um bode expiatório para reconfortar o imaginário popular “porque ainda é inconcebível para nós, como sociedade, encararmos a ferida aberta e malcheirosa do racismo e da afromisoginia” (Morais, 2022). A autora ressalta:

A elite carece que algumas Margaridas Bonetti sejam expostas, escrachadas e publicamente destruídas, para que possa abstrair de si o fato de que também comunga e é a gênese dos projetos de sociedade e comportamentos que visam manter mulheres e homens negros em situação de profunda vulnerabilidade (Morais, 2022).

Para a jornalista, apesar da intenção de fazer um *podcast* de cunho investigativo, ético e que denunciasse a escravidão contemporânea, Chico Felitti esbarra no racismo recreativo e na espetacularização da miséria, além da exaltação da elegância e distinção da elite. A banalização da história retratada pelo *podcast* se baseou, sobretudo, na curiosidade das pessoas em visitarem e investigarem detalhes profundos e desnecessários como se não tratasse de um crime de escravidão. Por isso, Moraes lembra que “A história da ‘Mulher da Casa Abandonada’ é um retrato fidedigno de como as questões raciais e de classe sexual são tratadas no Brasil. Fragmentadas, espetacularizadas e, por vezes, retiradas de seu contexto social abrangente” (Morais, 2022).

2.3 Violência

Embora em seus variados contextos, seja nos noticiários, redes sociais ou ciclo social, o termo violência aparece recorrentemente. Pela ótica desta pesquisa, a discussão busca refletir sobre a violência no eixo comunicacional, levando em consideração que : “conceituar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependentes da cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem” (Levisky, 2010, p. 6, *apud*, Duarte e Nogueira, 2010, p. 80). O fenômeno pode ter diferentes impactos e pode ser perpetuado por diversos meios, entre eles, a mídia.

A violência estrutural é uma das bases da sociedade moderna, Martuccelli (1999), explica que o estado-capitalista alimenta e se utiliza dessa violência para sobreviver. Lefebvre (1991), diz que o cotidiano é alimentado pelo terror (violência latente) e é importante para a classe dominante manter dessa forma o controle sobre a classe dominada (Duarte e Nogueira, 2010, p. 5).

²<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-que-a-mulher-da-casa-abandonada-nos-diz-sobre-a-expiacao-do-racismo-e-a-espetacularizacao-da-miseria/>

Segundo os autores, a violência revela os dilemas cotidianos de uma sociedade, mas algumas situações são mais exploradas como mercadoria ou publicidade pela mídia. Eles pensam a violência como mercadoria espetacular, levando em consideração a estrutura e a dinâmica do consumo de violência. Ao consumir violência em suas variadas formas e conteúdos na mídia, o sentimento de ser informado, atrelado à percepção de não ser a vítima, diante de uma sociedade violenta, representam um certo valor simbólico para o consumidor.

Quantas pessoas ficam diante da televisão, vendo a transmissão ao vivo de um sequestro ou de uma perseguição policial? Os apresentadores auxiliados por diversos especialistas vão criando cenários e possibilidades de um desfecho, tornando aquele evento num espetáculo. O espetáculo transforma cidades, bairros, ruas, condomínios, casas e praças, locais em muitos casos desconhecidos ou usados para fins diferentes em pontos de referências ligados à violência. A imprensa juntamente com as instituições ligadas ao Estado buscam “eternizar” o evento e o local, exemplos: a chacina da Candelária na cidade do Rio de Janeiro, em 1993; o massacre do Carandiru em São Paulo no ano de 1992. Estes locais ficaram marcados para sempre na memória. O espetáculo é tamanho que muitos desses eventos são tomados pelo cinema, tornam-se filmes ou documentários formando um processo de espetáculo contínuo e mais lucrativo (Duarte e Nogueira, 2010, p. 8).

Para Michaud (1989), a violência se constitui em diversas modalidades, sendo assim, não necessariamente um ato violento — associado à agressão física — é o único determinante para definir o que é violência. A própria conceituação do termo gera diferentes interpretações, mas, na obra *A Violência*, de Yves Michaud (1989), o autor reúne algumas reflexões que podem nortear o pesquisador nessa área. Tendo as variadas épocas da história humana, assim como os diversos contextos nos quais a violência aparecia, o autor comenta que, na contemporaneidade, a violência “muda de fisionomia e de escala porque é o produto de sociedades nas quais também mudaram a administração de todos os aspectos da vida social, a tecnologia e os meios de comunicação de massa (mídia)” (Michaud, 1989, p. 18). O filósofo reflete, ainda, sobre o desaparecimento ao qual estão condicionadas as vítimas, e como isso tem raízes profundas, como os casos de desaparecidos das ditaduras, que revela que “muitos compreenderam que lá onde não há mais vítima não houve crime” (Michaud, 1989, p. 18).

As únicas violências que contam são “aquelas que acarretam uma reorganização do poder”. Os que fracassam ou os vencidos tem toda a chance de cair no esquecimento. Mais ainda, as vítimas, porque não estão mais lá para testemunhar ou porque é perigoso falar delas, perdem o seu lugar na história. É o que ocorre com povos inteiros que desapareceram, com minorias destruídas ou assimiladas (Michaud, 1989, p. 18).

Apesar de usar recorrentemente o termo “imagens” para se referir às apropriações da mídia, compreendemos que, em um mundo transmidiático, os conteúdos sonoros também são importantes aliados na espetacularização produzida pela mídia. Michaud (1989) lembra que as imagens podem ser enviesadas, já que é possível “selecioná-las, montá-las, legendá-las, podemos enquadrá-las e reenquadrá-las, podemos sobretudo mostrá-las ou não mostrá-las de jeito nenhum. As imagens da violência não escapam dessas distorções” (Michaud, 1989, p. 49). O *podcast*, atualmente, deve ser estudado como mais um representante da mídia e que, assim como as imagens, produz efeitos no ouvinte, por meio de ferramentas como narrativas misteriosas e instigantes, paralelamente aos sons de fundo da mensagem.

Para Susan Sontag, o impacto da violência depende de quem a observa e de quem a sofre. A definição da violência depende da visão de cada indivíduo sobre determinadas cenas, por isso, “a violência transforma em coisa toda pessoa sujeita a ela” (Sontag, 2003, p. 13).

Em *Sociedade, Mídia e Violência* (2006), Muniz Sodré reitera que as diversas modalidades de violência não necessariamente ocorrem isoladas umas das outras, elas podem combinar entre si, como é o caso da violência sociocultural. Segundo o autor, “considerar violência como puro ato implica conotar negativamente apenas as ações que contrariem a legitimidade, burguesa ou não, do grupo dirigente” (Sodré, 2006, p. 19). Este trabalho, portanto, é centrado na análise da violência sociocultural que atravessa a mídia, bem como a responsabilidade do Jornalismo na reprodução de comportamentos violentos, sejam eles produtores de violências étnico-raciais, de gênero ou classe.

2.4 Espetacularização

Há décadas a mídia tem utilizado de recursos de espetacularização para ganhar mais visibilidade em determinados conteúdos e, consequentemente, se manter alinhada aos interesses econômicos que cercam a comunicação (Brittes e Dornelles, 2022). O conceito de espetacularização está ligado à ideia de sociedade do espetáculo, proposta pelo filósofo francês Guy Debord em seu livro *Sociedade do Espectáculo*, publicado originalmente em 1967. Para Debord “O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação” (Debord, 2003, p. 14), ou seja, o espetáculo já faz parte das estruturas da sociedade.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva

que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (Debord, 2003, p. 17).

Na época em que *Sociedade do Espetáculo* foi escrito um dos fenômenos massivos era o advento da televisão e, mesmo que para a sociedade da época as ideias de Guy Debord fizessem mais sentido para a transformação que a TV vinha causando, o conceito permanece atual. Hoje, por meio das redes sociais, o espetáculo constante é evidente, mas também pode ser observado nos diversos produtos midiáticos, como é o caso do *podcast*.

O conceito de sociedade do espetáculo consiste não necessariamente em um fenômeno midiático, mas sim na ideia de relações sociais embasadas pela mediatização. Segundo Duarte e Nogueira (2010) “o sistema econômico atual tornou o espetáculo como uma mercadoria, essencial ao processo de alienação à medida que direciona as pessoas tanto a produzir como a consumir o espetáculo” (Duarte e Nogueira, 2010, p. 82). Por isso, a comunicação está intrinsecamente ligada ao espetáculo, visto que o jornalismo — foco deste trabalho —, faz uso de estratégias de espetacularização para se manter interessante aos olhos do público.

Apesar de Debord avaliar a sociedade do espetáculo como inerente a ela mesma, o jornalismo ainda é regido por um código de ética e deveres fundamentais da profissão que prezam, de modo geral, pelo respeito às histórias retratadas na mídia. Por isso, no artigo “Usos do espetáculo como estratégia na imprensa” Brittes e Dornelles afirmam que

Se não depende do jornalismo modificar os rumos desta civilização do espetáculo que ele contribuiu para construir, cabe, no entanto, refletir sobre o uso que faz desse espetáculo, identificar a fronteira do aceitável, pertinente, e a do descabido, desproporcional. Entender que, embora uma parcela do público consuma esse gênero de notícia espetacular, isso não significa que esse consumo se dê o tempo todo, em todo local, aplicado a todos os temas da vida cotidiana (Brittes e Dornelles, 2022, p. 70).

Para os autores, o jornalismo contemporâneo não deve recorrer ao sensacionalismo quando se almeja deixar um conteúdo mais atrativo, mas manter-se atento às funções sociais de sua prática. O desafio de captação de público, bem como interesses econômicos na disseminação de notícias, não devem sobressair o papel ético do jornalismo.

O estudo de Guy Debord tem fortes influências do advento da televisão que ocorria na época, mas, vale ressaltar que com a digitalização conteúdos midiáticos ainda estão sujeitos à espetacularização, inclusive, em novos formatos transmidiáticos (Jenkins, 2008). Para isso, deve-se levar em consideração os sintomas e efeitos da sociedade do espetáculo, observado por Debord (2003). O autor considera o espetáculo a partir de seus meios, que são também as

suas finalidades. Para ele, “o espetáculo não quer chegar em outra coisa senão a si mesmo” (Debord, 2003, p.18).

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível (Debord, 2003, p. 16).

Duarte e Nogueira (2010), observam que, atualmente, a imprensa está mais inclinada a mostrar fatos que gerem lucro, “isso porque a notícia sendo mercadoria precisa acima de tudo do valor de troca, então se essa notícia se transforma em espetáculo provavelmente garante um lucro maior para os meios que a utilizam” (Duarte e Nogueira, 2010, p. 9). Através da reflexão, os autores sustentam os motivos pelos quais os diversos meios e conteúdos de comunicação estão sujeitos a disseminação espetacular, já que, desde a produção, escolhas impulsionam o material para esse destino.

3. *PODCAST* E “A MULHER DA CASA ABANDONADA”

3.1 *Podcast*

Até o momento, estudos como os de Bonini, 2020 e Chagas e Viana, 2021, indicam que a primeira vez que o termo *podcast* foi utilizado foi em 2004, pelo jornalista Ben Hammersley, em artigo para o *The Guardian*. Na época, o título utilizado por Hammersley foi *podcasting*, quando ele argumentava sobre o crescimento de uma espécie de rádio on-line, um fenômeno muito influenciado pelos iPods — dispositivos de som portáteis da marca norte-americana *Apple*. O nome, inclusive, surgiu como uma junção de “pod”, de Ipod, e o termo em inglês *broadcasting*, que, traduzido para o português, significa transmissão. O jornalista se referia a um tipo de mídia sonora que poderia ser baixada via internet, mas a denominação foi ganhando força, e técnica, e, apesar do nome, se desvinculando do dispositivo Ipod.

A prática de “produção doméstica e distribuição de arquivos de áudio pela internet” (Vicente, 2018) foi se desenvolvendo e tomando cada vez mais forma, sem a necessidade de estar relacionada, necessariamente, com o rádio amador. Como explica Bonini (2020) a história do *podcast* foi sendo desenvolvida tendo em vista tanto a produção quanto o consumo do conteúdo sonoro digital, é uma prática cultural que “leva em conta tanto suas dimensões técnicas quanto sociais” (Heise, 2014 *apud* Bonini, 2020, p.15).

Com o passar do tempo e a disseminação do *podcasting*, o fenômeno ganhou definições que o separam do rádio em alguns aspectos. Para Bonini (2020), a mídia do *podcast* não é apenas uma alternativa à radiodifusão ou uma extensão dela. “Devemos dedicar tanta atenção a ele quanto prestamos a outras mídias baseadas em som, enquadrando-o no âmbito de categorias bem estabelecidas de estudos de mídia, culturais e de economia política crítica” (Bonini, 2020, p.19). O autor defende que o *podcast* é um mercado alternativo que passou por processos de profissionalização da técnica e normalização do consumo, fase que ele define como “segunda era do *podcasting*”. Sobre esse período Bonini complementa:

Se distingue pela transformação do *podcasting* numa prática produtiva comercial e num meio de consumo massivo e começa nos EUA em 2012, com o lançamento dos primeiros modelos de negócios que foram capazes de apoiar a produção independente e o consumo de conteúdos sonoro distribuído através do *podcasting* (Bonini, 2020, p. 15).

O que aconteceu foi que o caráter de produção, de certa forma, informal que caracterizava o início da história do *podcasting*, deixou de ser determinante para a produção e

veiculação de do *podcast*. A desvinculação direta da mídia *podcast* em relação ao rádio também é evidente para Bonini (2020). A partir de um recorte de produções norte-americanas, o autor destacou:

Os programas mais frequentemente baixados como *podcasts* não correspondem de forma alguma àqueles mais ouvidos em FM, o que prova que nem todos os programas são adequados para a escuta no *podcasting*. Pesquisa realizada pela EBU em 2011 apontou o caso do programa L'Ofici de la Viure, produzido e veiculado pela rádio pública regional catalã Catalunya Radio: downloads do *podcast* (54 mil por episódio) excederam seus baixos índices de audiência em FM (33 mil ouvintes em antena) (Bonini, 2020, p. 22).

No Brasil, o cenário também é de expansão, de consumo e de produção, dessa mídia sonora. Percebe-se uma crescente de produtos novos de *podcast* no país, bem como de consumidores. Com a pandemia da Covid-19, o formato parece ter se popularizado, uma vez que, de acordo com o infográfico de 2021³ sobre o consumo e produção de *podcasts* no Brasil — fruto de uma parceria entre a Globo e o IBOPE —, 57% dos brasileiros passaram a ouvir mais *podcasts* durante o cenário pandêmico. Chagas e Viana, 2021, na pesquisa *Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais partir de um panorama histórico*, indicam que:

Em abril de 2019, a pesquisa divulgada pela Ibope Inteligência e também pelo Instituto Advertising Brasil (IAB) destaca que “quatro em cada dez internautas brasileiros já ouviram algum programa de podcast e mais da metade destas 56 milhões de pessoas fazem isso mensalmente”. Os dados destacam que a maioria dos ouvintes está na faixa entre 25 a 34 anos (32%) e de 35 a 54 anos (33%), e que possuem ensino superior completo (32,7%) (Chagas e Viana, 2021, p.1).

É importante ressaltar que o crescente desenvolvimento de *smartphones* contribuiu para a popularização do *podcast*, que carrega, em sua essência, uma ideia de distribuição de mídia sonora disponibilizada via internet e que possa ser baixada ou escutada on-line.

Mas, para além do ponto de vista técnico, com o crescente fenômeno do *podcasting*, as formas de desenvolver materiais do tipo assumiram uma multiplicidade de maneiras de produzir e consumir o conteúdo, além das diversas estruturas e divisões entre cada gênero de *podcast* (Chagas e Viana, 2021). Por isso, é importante compreender, ainda, as potencialidades e complexidades narrativas do *podcast*. Partindo da linha de pensamento do pesquisador Richard Berry (2019), Chagas e Viana (2021) explicam que existem aspectos, mapeados por Berry (2019), que apontam “para uma nova composição discursiva de narrativa

³ Disponível em <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 7 de setembro de 2024.

radiofônica na história recente dessa linguagem” (Chagas e Viana, 2021, p. 3). Entre os pontos que caracterizam o *podcasting*, Berry (2019) destacou alguns como, por exemplo, intimidade, inovação, informalidade e independência.

Tais produtos vão da espetacularização de produtos do entretenimento (HERSCHMANN E KISCHINHEVSKY, 2008), passam por produções educativas (CHAGAS E VIANA, 2019), por séries criminais (BERRY, 2015), se apresentam como produções seriadas em radiojornalismo narrativo (KISCHINHEVSKY, 2018) e investigativo (LOPEZ et al., 2018) (Chagas e Viana, 2021, p. 3).

Chagas e Viana (2021) ressaltam alguns exemplos de outros pesquisadores para a categorização dos *podcasts*. Um deles é a classificação em quatro modelos proposta por Medeiros (2006):

- 1) Metáfora – possui características semelhantes a um programa de rádio de uma emissora convencional (dial), com os elementos característicos de um programa como: locutor/apresentador, blocos musicais, vinhetas, notícias, entrevistas etc;
- 2) Editado – As emissoras de rádio editam os programas que foram veiculados na programação em tempo real, disponibilizando-os no seu site para serem ouvidos a posteriori pelo ouvinte que “perdeu a hora do programa”;
- 3) Registro – são também conhecidos como “audioblogs”. Este modelo, segundo o autor, é o mais curioso e possui temas muito diversos;
- 4) Educacionais – Através desse modelo de *podcast* é possível disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas (Chagas e Viana, 2021, p. 4).

O estudo aponta que o cenário dos primeiros anos do *podcast* no Brasil foi marcado por produções de caráter amador — “de pessoas que investiam em interesses próprios como diversão para seus programas” (Chagas e Viana, 2021, p. 4) —, ou repositórios do rádio tradicional, uma vez que as emissoras passaram a disponibilizar na internet o conteúdo veiculado pela programação ao vivo.

Influenciado pelo lançamento da série norte-americana *Serial* — que foi sucesso do rádio público narrativo e marcou o que seria a segunda era do *podcasting* — o contexto dos *podcasts* no Brasil mudou a partir de 2014, quando, de acordo com Bonini (2020), a profissionalização da produção por trás do *podcast* emerge. O amadorismo que predominava no início do *podcasting* no Brasil passa a não ser mais determinante para a denominação de um conteúdo como *podcast*, que, agora, integra também produções com fins comerciais e lucrativos desenvolvidas por profissionais (Chagas e Viana, 2021).

A maioria das reflexões apontadas por Chagas e Viana (2021) acerca dos contextos que permeiam o *podcasting*, estão voltadas para o Jornalismo. Berry (2020) indica alguns dos

principais aspectos que devem ser considerados ao estudar *podcast*, entre eles estão: conversa e narrativa. A conversa diz respeito ao conteúdo estruturado por entrevistas sobre um assunto específico ou diversos assuntos, a narrativa, como o nome já diz, prevalece em produções com caráter narrativo, como em documentários seriados, notícias que exploram um assunto ou que têm uma voz por trás da história (Chagas e Viana, 2021).

Pensando nisso, a pesquisa de Chagas e Viana (2021) apontou estruturas em comum predominantes entre os *podcasts* mais ouvidos no Brasil na época. São eles: 1) Relato, 2) Debate, 3) Narrativas da realidade, 4) Entrevista, 5) Instrutivo, 6) Narrativas Ficcionalis, 7) Noticiosos e 8) Remediado. No que tange o objeto de estudo deste trabalho, a categoria de “Narrativas da realidade” é a que mais interessa, visto que essa estrutura está pautada na contação de histórias reais, com auxílio personagens, conflitos e arcos de desenvolvimento narrativo. “Dentre eles, estão as produções caracterizadas por uma apuração em profundidade, na qual o jornalista ouve amplamente as fontes e recorre à ilustração desses personagens várias vezes ao longo da produção” (Kischinhevsky, 2018 *apud* Chagas e Viana, 2021, p. 11).

Apesar da sua diversidade, o setor dos *podcasts* estabeleceu-se como um contexto seduzido pela palavra e pela história contada. Um lugar de redescoberta da profundidade informativa, do vagar da escuta, da explicação livre dos espartilhos da rádio. É um espaço em que despontam propostas avessas à urgência, à fugacidade e à superficialidade da rádio do cotidiano. Lugar do jornalismo narrativo e do slow journalism. São também um lugar de envolvimento, espelho de uma humanidade e de uma subjetividade que o jornalista ou apresentador não quer renegar (Santos, 2021, p. 209).

O *podcast* foi uma das alternativas de mídia que surgiram ao longo da história da Comunicação. Em seu livro *Cultura da convergência*, Henry Jenkins (2008) apontou para a combinação dos meios de comunicação. No estudo, o autor usou a ideia da participação do consumidor dos conteúdos como parte do conceito explorado, ou seja, pensando em uma mídia sonora, por exemplo, a interação do ouvinte com o produto de comunicação exerce um grande poder de influência do consumidor no conteúdo disseminado. A prerrogativa se aproxima, em dados aspectos, do papel da responsabilidade midiática na reprodução de conteúdos. Neste trabalho, a ideia é explorada por meio da análise da influência narrativa na recepção do público e posterior — ou mesmo concomitante ao consumo — reprodução deste conteúdo em meios de comunicação muitas vezes distintos.

Os grandes veículos de comunicação brasileiros também passaram a se apropriar do formato para expandir seu alcance de público e, conseqüentemente, sua atuação no mercado. O *podcast* analisado neste trabalho, por exemplo, não configura como um produto caseiro,

visto que é uma produção de Chico Felitti para o jornal, já consolidado no âmbito nacional, *Folha de S.Paulo*.

3.2 A Mulher da Casa Abandonada

A *Folha de S.Paulo* estreou, em 8 de julho de 2022, o *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”, assinado pelo jornalista Chico Felitti. Natural de Jundiaí, São Paulo, Chico Felitti é formado em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo (USP). O jornalista também coleciona outros trabalhos conhecidos, como o livro *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor* (2019) — obra baseada em uma reportagem veiculada pelo *Buzzfeed*. Assumidamente gay, Chico Felitti é um homem cisgênero, branco e que, em sua trajetória de vida, já teve oportunidade de viver em outros países como Angola, Finlândia, França e Turquia — concluindo, inclusive, estudos em Escrita Criativa em Nova Iorque, nos Estados Unidos. O jornalista passou nove anos (de 2008 a 2017) como repórter, colunista e editor na *Folha de S.Paulo*. No *Buzzfeed*⁴, atuou como repórter *freelancer* por três anos (de 2018 a 2021). Hoje, além de escritor e repórter em tempo integral, como define em sua rede social LinkedIn, Chico Felitti também é o empresário fundador da produtora Pachorra Felitti Áudios, Livros e Filmes.

O *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” narra história de um crime, ou, melhor dizendo, da autora do crime que submeteu uma pessoa a trabalho análogo a escravidão. Chico Felitti narra sua jornada de investigações acerca de uma mulher que lhe chamou atenção em um dos bairros mais ricos de São Paulo, Higienópolis. O foco de sua curiosidade era Margarida Bonetti, uma idosa, a princípio, indefesa, morando sozinha em uma casa abandonada, em situações consideradas pelos vizinhos como decadentes. Trata-se de um *podcast* jornalístico, que, em termos de estrutura, pode ser identificado, dentro das categorias expostas por Chagas e Viana (2021), como um *podcast* narrativo, mais especificamente enquadrado em narrativas da realidade.

“A Mulher da Casa Abandonada” é identificado por Felitti como um *podcast* investigativo da *Folha* que revela a “inacreditável história” (A Mulher..., 2022) de uma mulher brasileira que fugiu do crime que cometeu nos Estados Unidos contra sua empregada. Para isso, o episódio se divide em sete episódios, que variam entre 35 a 55 minutos cada. O

⁴ Empresa de mídia digital norte-americana com representação no Brasil.

podcast foi disponibilizado em algumas das plataformas online de áudio, como *Apple Podcasts*, *Deezer* e *Spotify*. Na época da divulgação do *podcast*, os episódios eram lançados semanalmente, toda quarta-feira, às 7 horas.

Para cada lançamento de um deles, a *Folha de S.Paulo*, disponibilizava uma matéria que ressaltava seu ponto central, e, ao final delas, havia a transcrição do episódio.

Eu sou Chico Felitti e esse é A Mulher da Casa Abandonada, um *podcast* da *Folha* que investiga a figura misteriosa que mora em uma mansão em pandarecos em um dos bairros mais ricos de São Paulo. Uma mulher que se esconde atrás de uma pomada branca mas que toda a vizinhança sabe quem é. Margarida Bonetti, a brasileira rica que fugiu de um julgamento do qual ela era acusada de escravizar, torturar e negar auxílio médico a uma empregada doméstica que ela levou aos Estados Unidos (A Mulher..., 2022).

Nos episódios, os ouvintes conhecem Margarida Bonetti pelas descrições do jornalista, que começa a narrar a história da figura “misteriosa” da casa abandonada. Um crime é revelado ao ouvinte que ainda não conhecia a história, e o *podcast* se posiciona, também, como agente de uma disseminação de conhecimento acerca da escravidão contemporânea no Brasil.

Margarida Bonetti é uma mulher branca que, desde a infância, foi cercada de privilégios por ser de uma família influente em São Paulo. Ela é neta do Barão de Bocaina, conhecido primeiramente por Francisco de Paula Vicente de Azevedo, um fazendeiro, banqueiro e comerciante que recebeu esse título de D. Pedro II. Ele fundou o Engenho Central de Lorena, interior de São Paulo, e dirigiu a Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro, além do Banco Comercial do Estado de São Paulo. O pai de Margarida Bonetti era Geraldo Vicente de Azevedo, um médico paulistano que atuou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ele era o dono do casarão que protagonizou o *podcast* de Chico Felitti (Previdelli, 2022).

Conversando com vizinhos, o jornalista conhece mais sobre a situação atual de Margarida Bonetti na mansão abandonada e os relatos revelam uma situação decadente como era de se esperar pela aparência externa da casa, algo que, inclusive, incomoda muito os moradores da região. Os entrevistados por Felitti começam a revelar situações que explicam um pouco da antipatia dos vizinhos com Margarida Bonetti. Uma das revelações foi a de que a mulher fazia suas necessidades em um balde e jogava pela janela. A vizinhança reclamava do odor que a propriedade exalava e da convivência com a moradora.

Quando Margarida Bonetti se casou com Renê Bonetti, em meados da década de 1970, o casal se mudou para os Estados Unidos e, para isso, ganhou de presente a empregada

que fora escravizada por eles. A vítima era uma mulher negra que já trabalhava para a família de Margarida Bonetti antes de ser levada com os Bonetti para Gaithersburg, nos Estados Unidos. Fora de seu país de origem, a vítima sofreu diversos abusos físicos e psicológicos, além de privações desumanas. Quando finalmente as autoridades do país norte-americano começaram a desconfiar do crime, Margarida Bonetti fugiu para o Brasil, enquanto seu marido, Renê Bonetti, foi julgado e condenado a pagar uma indenização para a vítima e cumpriu pena de seis anos e meio.

No dia 19 de julho de 2022, a *Folha de S.Paulo*, publicou uma matéria intitulada “Podcast A Mulher da Casa Abandonada lidera rankings e acumula milhões de downloads”, no subtítulo o texto afirma que a série “consolida como marco da produção brasileira em áudio” (Podcast...,2022). A informação do jornal é que, o *podcast* bateu recorde de audiência, e, apenas dois dias depois do lançamento do programa, o *podcast* figurava no topo dos *podcasts* mais ouvidos no Brasil pelo *Spotify*. “A nota de avaliação da série dada pelos ouvintes é cinco estrelas (graduação máxima), com 115 mil avaliações registradas até agora” (Podcast..., 2022). Na *Deezer* e na *Apple Podcasts* o programa também somou altos índices de reprodução. No *YouTube* os primeiros seis episódios, na época, já contavam com quase 300 mil visualizações. O interesse pela série contribuiu, ainda, para o crescimento do canal da *TV Folha* no *YouTube*, que conquistou mais de 3600 novos assinantes.

A procura pelo *podcast* começou a aumentar nos sites de buscas a partir do terceiro episódio, levado ao ar em 22 de junho. No lançamento do quarto capítulo, sete dias depois, houve o primeiro pico notável de acessos ao site da *Folha* entre os interessados por A Mulher da Casa Abandonada.

Depois disso, outros veículos jornalísticos passaram a fazer reportagens sobre as histórias de Margarida Bonetti e da casa, entre eles o jornal argentino Clarín. Em 4 de julho, os acessos às páginas sobre o *podcast* no site da *Folha* passaram de 100 mil.

O interesse pelo programa no Google também levou o nome dele ao Google Trends, lista de assuntos mais procurados pelos usuários (Podcast..., 2022).

Logo o conteúdo contou com uma intensa reprodução nas redes sociais, além de ter sido um poço de curiosidade para alguns que fizeram questão de passar pela mansão abandonada e tirar uma foto por lá para, posteriormente, publicá-la também em suas redes sociais. Elogios, críticas, curiosidades e especulações que envolviam o *podcast* foram pauta em vários espaços da internet, e, inclusive, também incentivou outros trabalhos acadêmicos aprofundados sobre “A Mulher da Casa Abandonada”.

A repercussão desenfreada do *podcast*, bem como a intensidade da espetacularização que caminhou ao lado da disseminação do conteúdo, parecem estar diretamente ligadas à falta de ética jornalística do autor, além de expor parte do racismo recreativo incrustado na mídia.

A estrutura narrativa de “A Mulher da Casa Abandonada” contribui com a repercussão desrespeitosa gerada com a veiculação dos episódios. Para identificar esses problemas, o presente trabalho se debruça sobre a Análise de Conteúdo de Bardin (2016) em cima de cada um dos episódios do *podcast* discutido.

4 METODOLOGIA

Para realizar a análise aqui proposta, parte-se da hipótese de que a condução do *podcast* contribuiu para a espetacularização do caso de uma mulher branca que escravizou uma mulher negra por 20 anos, bem como sua repercussão intensa tanto nas redes sociais como fora delas. O estudo é realizado sob uma ótica de que as ferramentas utilizadas pelo jornalista, assim como a narração e exploração da violência sofrida pela vítima escravizada, denunciam um pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022).

Para efetivar a análise foi utilizado o método de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2016). A proposta é definida pela autora como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, p.44). No entanto, Bardin destaca que, não necessariamente, o método se constitui em uma única ferramenta, mas sim uma variedade de instrumentos que, no fim, serão marcados “por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2016, p. 37).

A análise de conteúdo leva em consideração os diversos contextos encontrados na pesquisa e, para isso, se divide em três fases. São elas: pré-análise; exploração do material e o tratamento dos resultados a partir da inferência e interpretação do pesquisador sobre o conteúdo exposto. A primeira fase consiste na organização das informações — documentos, estudos e demais fontes — coletadas pelo pesquisador. É nesse momento que deve ser feita uma leitura flutuante (Bardin, 2016) do conteúdo, ou seja, uma observação dinâmica do para pensar o conteúdo como um todo, mas, também, em seus diversos aspectos e potencialidades. Como explica Bardin (2016, p. 125) trata-se de um “período de intuições”, mas que deve ter como resultado o refinamento de objetivos, hipóteses e indicadores.

Na fase da exploração do conteúdo — a segunda — o pesquisador deve categorizar ou codificar o material escolhido na primeira etapa (pré-análise) do método. É o momento em que se aplica, de fato, o programa de análise previamente formulado para o trabalho, que deve elucidar as características ressaltadas no conteúdo estudado por meio do tratamento do material (Bardin, 2016).

A terceira etapa é a do tratamento, inferência e interpretação dos resultados obtidos. Como define Bardin (2016), nesse momento o pesquisador propõe uma reflexão sobre a análise feita previamente, observando criticamente o material e concluindo, ou não, a hipótese apresentada.

Levando em consideração a trilha sonora que acompanha o *podcast*, a narração do jornalista e o contexto de “A Mulher da Casa Abandonada”, a categorização dos elementos que guiam o processo da análise propriamente foi definida em quatro tópicos: identidade de gênero, distanciamento de raça, descrições de violências e termos que denotam interesse espetacular. Os recortes foram definidos de acordo com os quatro eixos temáticos centrais a este trabalho: Gênero, Raça, Violência e Espetacularização. Para a análise foram escutados os sete episódios que compõem o *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”.

No tópico de identidade de gênero, foi avaliada a abordagem do jornalista em relação aos aspectos que, de forma direta ou indireta, estão associados ao papel da mulher, bem como as representações que o imaginário social impõe sobre essa identidade de gênero. Mesclando com a ideia de interseccionalidade (Collins e Bilge, 2021), foi observada também as disparidades na associação de gênero e raça, ou seja, como as condições relegadas às mulheres negras se diferenciam dos cenários nas quais as mulheres brancas estão inseridas.

O recorte de distanciamento de raça foi proposto para pensar como o *podcast* retrata o abismo criado pela branquitude (Bento, 2022) entre o racismo e o lugar no qual essa classe se percebe, um local de quem nada tem a ver com a estrutura racista do país. Para a branquitude, não estar diretamente associado a um ato explícito de violência racial é o suficiente para isentá-la de sua culpa na manutenção das desigualdades raciais, não reconhecendo que se beneficia do sistema racista. O foco foi se havia omissão na abordagem do autor do *podcast* sobre o quanto a situação descrita por ele estava ligada ao conceito de raça.

No tópico de descrições de violências foi analisada a pertinência em narrar as agressões sofridas pela vítima, levando em consideração o pano de fundo delas: o crime de submeter alguém ao trabalho análogo ao da escravidão — pensada também como violência aos direitos humanos. Para entender a violência intrínseca ao *podcast*, este trabalho parte da ideia de que a ação pode ser praticada por meio de diversas modalidades (Michaud, 1989), dessa forma, violência é aquilo que se pratica mesmo isento de agressão física.

Por último, a espetacularização foi abordada na categoria de termos que denotam interesse espetacular. Para isso, a pesquisa se baseou na ideia de Guy Debord (2003) em *Sociedade do Espetáculo*. A investigação se concentrou na abordagem do jornalista em relação aos trejeitos, manias e características de Margarida Bonetti, assim como procurou explicitar como foco nesses aspectos a transformou em protagonista, ao invés do crime relatado.

5 ANÁLISE

Para nós, o *podcast* analisado neste trabalho passou por um processo de espetacularização intenso, com repercussões que ultrapassaram as redes sociais e resultaram, inclusive, na circulação de pessoas ao redor da mansão de Higienópolis somente para matar a curiosidade que o conteúdo despertou, tirando fotos em frente a casa, observando atentamente até finalmente conseguir ver alguma mulher misteriosa e caricata com pasta branca no rosto. O local virou um ponto turístico e o assunto um produto altamente circulado, sem critérios de responsabilidade, revelando, assim, como a estrutura narrativa do *podcast* pode ter influenciado uma recepção confusa sobre o tema.

No objeto de pesquisa, é possível identificar aspectos de gênero que influenciaram a abordagem do jornalista, recusas e longos silêncios acerca do assunto raça e da estrutura racista a qual a escravidão está vinculada — bem como reprodução de isenções da branquitude sobre o racismo —, e persistência nas descrições de violência descritas em nome do entretenimento. As problemáticas ao redor do conteúdo estão ligadas às reproduções desses aspectos de forma espetacularizada, mas o resultado de sua veiculação não está distante do objetivo do jornalista ao escolher determinados recortes, adjetivos e sons.

5.1 Identidade de gênero

Mulher é um substantivo recorrente no texto do *podcast A Mulher da Casa Abandonada*. Desde o título até os destaques feitos no primeiro episódio — intitulado “A mulher”. O trailer de apresentação já fala sobre a vítima da situação, a mulher que foi escravizada por um casal rico nos Estados Unidos. Mas não revela tanto sobre a identidade daquela que se tornou sua protagonista: Margarida Bonetti.

O primeiro episódio é um dos que mais exploram os trejeitos de Margarida Bonetti, criando uma atmosfera muito vinculada ao mistério que cerca a figura da bruxa. O próprio narrador destaca que uma casa abandonada desperta a curiosidade pelos significados que envolvem esse símbolo dentro do cinema.

Tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços. Uma casa abandonada é o maior clichê que existe. É a alegoria mais óbvia de filme de terror. O assassino de *Psicose* mora numa casa abandonada. A bruxa de *Blair* mora numa casa abandonada. Até a Família *Addams* mora numa casa abandonada (*A Mulher...*, 2022).

É comum perceber, na mídia — como em filmes, séries, textos, entre outros —, associações que vinculam mulheres à bruxas, não necessariamente como um julgamento, como era na inquisição, mas sim para engajar conteúdos que abordam diversas narrativas que têm uma bruxa como protagonista. Seja em filmes que retratam a inquisição, nos que apresentam as bruxas “boazinhas”, ou nos que retratam a figura mais escandalosa que seria a bruxa má. No fim, todos esses três exemplos têm em comum o foco nas características pessoais dessas bruxas, jeitos, hábitos e gostos. Além disso, essas figuras dizem respeito a uma única identidade de gênero: a de mulher. Bruxas despertam o interesse da mídia e do público, e, mesmo em cenários diferentes, estão vinculadas à representação feminina.

Por meio da caracterização excessiva de Margarida Bonetti no *podcast*, o jornalista constrói uma personagem curiosa, considerada por alguns vizinhos uma bruxa, ou o que se associa a uma. Esse foco escolhido pelo autor do *podcast* também expõe um discurso que representa a noção de disparidade entre as diversas identidades femininas. São vivências completamente distintas, no entanto, coexistem em um mesmo espaço por meio da relação de opressão da mulher branca sobre a mulher negra.

A narração de Felitti sobre Margarida Bonetti pode exercer influência sobre uma certa infantilização da mulher branca (Albuquerque e Diniz, 2022). O papel do jornalista não seria rechaçar a mulher branca, mas as escolhas de adjetivos, recortes e tratamento que o criador do *podcast* utiliza colaboram com a criação de uma imagem excêntrica. Chico Felitti cria uma personagem com características marcantes, e influencia uma certa infantilização da mulher branca, como quando ele destaca que Margarida Bonetti usa um caderninho de pequena sereia e anota tudo a mão em uma bela caligrafia. O narrador impulsiona o mistério e faz uma pergunta retórica: “a mulher pode morar numa casa que é um pouco mais do que escombros, mas parece ser culta. E sabe qual é o arquétipo da mulher culta que mora sozinha em uma casa decadente?” (A Mulher..., 2022). Ele responde a pergunta com áudios de alguns vizinhos durante entrevistas que Felitti conduziu perguntando se eles conheciam a mulher da casa abandonada. “Ah sim, eu já vi ela sim. Desde que eu sou criança eu vejo ela na rua. O pessoal chama de bruxa, não é ela? Não é essa pessoa?” (A Mulher..., 2022).

Tudo o que gira em torno da mulher da casa abandonada gera uma atmosfera de dúvida e mistério, somada a uma imagem de uma mulher “doidinha”, como vários personagens vizinhos de Margarida Bonetti se referem a ela — mesmo muitos sabendo sobre o crime que ela cometeu. Uma vez que abordamos o cinema neste tópico, vale destacar, então, a pesquisa “A ‘mulher louca’ em Game of Thrones: Gênero e a crítica do pop no jornalismo”, de Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça e Christian Gonzatti, por exemplo.

No texto, os autores reiteram a tendência de uma lógica patriarcal da mídia em enquadrar mulheres em espaços de desequilíbrio e loucura (Mendonça e Gonzatti, 2021), projetando a ideia, inclusive, no meio da cultura pop, como é o caso da série observada pelos pesquisadores. Para Thaís Nascimento Machado, no caso do jornalismo policial, a mulher criminosa é comumente retratada a partir do senso comum, sendo muito pautada como a “louca”. Por isso, a autora lembra que “Para informar e alertar, o jornalismo usa da manutenção de valores e comportamentos enraizados da sociedade, e isso vale também para o comportamento de gênero” (Machado, 2018, p. 2).

O jornalista conta que se interessou pela história porque pensou que fosse uma mulher excêntrica, discriminada pelos vizinhos e abandonada em uma casa em escombros, que é o tipo de história que lhe interessa. E essa também foi a forma como ele escolheu descrever a mulher e as opiniões em torno dela desde o início.

Vale lembrar que quem está contando essa história — que, como apontado aqui, passa pela questão de gênero — é um homem cisgênero. Chico Felitti também faz parte de uma comunidade discriminada, ele é assumidamente LGBTQIAPN+. Contudo, cada divisão social tem suas especificidades, e é importante lembrar que um homem branco e cisgênero não está sujeito aos mesmos preconceitos enfrentados por mulheres, ainda menos por mulheres negras. Isso não diz respeito a juízo de valor acerca de quem pode falar sobre o quê, mas sim ao viés intrínseco à socialização de cada indivíduo de acordo com seu contexto, bem como aos posicionamentos do veículo que Felitti integra, marcadamente ligado à elite branca paulistana.

O lugar de Margarida Bonetti, explicitado pelo *podcast*, confirma a existência de um espaço de privilégio simbólico e estrutural, resultado do racismo. As reivindicações de mulheres brancas não são, necessariamente, as mesmas das mulheres negras. As condições impostas às mulheres negras são diferentes das que abrangem mulheres brancas. Essas constatações são reiteradas pela história contada no *podcast* analisado, visto que relembram a história de uma mulher negra passada como herança para uma mulher branca — dentro da própria família da mulher branca —, para servi-la, inclusive, em um país que não era o seu país de origem. Por meio dessa ótica é possível identificar os papéis, fortemente demarcados pela sociedade, da mulher branca e da mulher negra, o que evidencia, mais uma vez, a posição de hierarquia dentro da noção de gênero. Por isso, não é possível discutir gênero (no caso o feminino) sem falar de raça.

5.2 Distanciamento de raça

Pensando na história contada por Chico Felitti no *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”, é possível perceber um explícito recorte de raça na apropriação de mão de obra que o casal Bonetti faz da mulher negra. Mesmo que Felitti não cite no início que a vítima se trata de uma mulher negra, é instantâneo que o ouvinte a associe a uma mulher negra, visto todo o histórico do trabalho escravo no Brasil, país construído sobre o viés da exploração.

No primeiro episódio, quando o narrador se apresenta e diz o nome do *podcast* e gênero, o áudio se mantém descrevendo cenas, situações, cheiros e características do bairro em que Margarida Bonetti mora, Higienópolis, em São Paulo. Ele destaca características que escancaram logo de início o nível de elite que mora naquele bairro. Descrições como ícones famosos que moraram ali e foram vizinhos, nível de segurança, aparência das casas, arborização abundante e, ainda, a proximidade do bairro com a instituição de ensino superior privada Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), universidade de elite.

Conversando com vizinhos, Felitti conhece mais sobre a situação de Margarida Bonetti na mansão abandonada. Os relatos revelam uma situação decadente, como ele esperava, observada a aparência externa da casa. Margarida Bonetti, aparentemente, faz suas necessidades em um balde e joga pela janela. A vizinhança reclama do odor que a propriedade de Margarida Bonetti exala e da convivência com a mulher da casa abandonada. O jornalista deixa explícito, por meio de suas escolhas de sonoras, palavras e sentidos, como a vizinhança rica parece se importar mais com a decadência que a casa representa para o bairro nobre de São Paulo, do que com o fato de a moradora da casa ter escravizado uma mulher negra nos Estados Unidos e está na casa foragida da justiça do país norte-americano.

O ano era 1979 e Renê Bonetti tinha recebido um convite de prestígio. Renê, engenheiro da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, era considerado um prodígio pelos colegas do departamento de engenharia elétrica, até que decidiu romper com a universidade e dizer sim para uma proposta da Intelsat, uma das maiores empresas de satélites espaciais do mundo. A oferta de emprego era nos Estados Unidos, e vinha com casa e passagens, tanto para o casal quanto para um funcionário que eles quisessem levar do país.

Renê e Margarida não tinham nem 30 anos de idade na época. Até pouco tempo antes de se casar, e de em seguida se mudar para os Estados Unidos, ela ainda morava com os pais na casa em Higienópolis que hoje eu chamo de casa abandonada. A mansão que leva o nome do pai dela. Quando os dois anunciaram que estavam de partida para o subúrbio de Washington, os pais de Margarida insistiram que eles levassem uma empregada doméstica que trabalhava na casa desde que era adolescente. Uma empregada analfabeta, que nunca teve a oportunidade de ir à escola. Uma amiga da família me disse que a empregada foi um presente de mudança, como se fosse possível

dar uma pessoa de presente a outra. Não só era possível, como aconteceu. Essa era a mesma empregada para quem eles pararam de pagar o salário, assim que ela entrou na casa americana. Essa história eu já saí do Brasil sabendo. Eu vim para os Estados Unidos na missão de descobrir detalhes. E os paradeiros do ex-marido e da ex-vítima de Margarida (A Mulher..., 2022).

Antes de entrar a fundo no tópico escravidão o narrador escolhe destacar a generosidade do casal que morava na mansão abandonada de Higienópolis antes de Margarida Bonetti: os pais dela. “Além de serem os mais ricos da rua, o casal Vicente de Azevedo talvez fosse o mais generoso, era comum ter uma fila de pessoas em frente da casa esperando por comida ou por doação de roupas” (A Mulher..., 2022). Por mais que a justificativa dessas descrições seja pautada na ideia de expor o trabalho análogo a escravidão, o efeito observado é o de distanciamento da branquitude em relação a culpa racista (Bento, 2022). Como um casal tão generoso daria de presente uma mulher negra para servir sua filha recém-casada? Por vezes nem mesmo o autor do *podcast* parece perceber como suas escolhas produzem um silenciamento sobre a questão racial. Como afirma Sueli Carneiro (2023),

As múltiplas interdições das pessoas negras que, além de serem assassinadas intelectualmente, são interditadas enquanto seres humanos e sujeitos morais, políticos e de direito. Com a função de produzir exclusão, as interdições — presentes tanto na produção discursiva quanto nas práticas sociais — promovem a inscrição de indivíduos e grupos no âmbito da anormalidade, na esfera do não ser, da natureza e da desrazão, contribuindo para a formação de um imaginário social que naturaliza a subalternização dos negros e a superioridade dos brancos (Carneiro, 2023, p. 13).

Para Carneiro (2023), o silêncio também faz parte do dispositivo de racialidade, o que está atrelado ao mito da democracia racial — muito reverberado no Brasil, já que, para essa lógica, se é um país miscigenado todos são iguais e não existe racismo. A demora de Chico Felitti para falar que a vítima se tratava de uma mulher negra é sintomática desse distanciamento da branquitude em relação à sua herança escravocrata. É apenas no episódio quatro do *podcast*, “Uma mulher e um homem livres”, que o narrador faz o recorte de raça e destaca que a mulher escravizada pelo casal Bonetti era uma “mulher idosa, preta, brasileira e analfabeta” (A Mulher..., 2022). Mesmo depois de citar o recorte racial, o jornalista não faz aproximações entre o racismo — relacionado com a herança da escravidão — e o caso narrado.

No material analisado neste trabalho, é perceptível a recusa do jornalista em abordar o aspecto de raça e suas implicações para o problema central relatado: a escravidão contemporânea. Para o *podcast* da *Folha de S.Paulo*, parece mais importante entrar no

imaginário do ouvinte por meio de uma narração literária banalizada que o autor faz, do que aproximar o ouvinte da discussão sobre escravidão. Isso porque o narrador escolhe falar mais do bairro, das características da casa e da mulher branca que escravizou uma mulher negra, do que lembrar as raízes da escravidão e a interdependência entre a branquitude e a herança racista.

5.3 Descrições de violências

A violência aos direitos humanos que constitui o crime de escravidão também está sujeita a ser explorada pela mídia e é através dessa ótica que se pauta este trabalho. O *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” é um caso em que a violência foi explorada pela mídia de maneira recreativa, no qual as escolhas narrativas acertam o entretenimento e geram uma repercussão espetacularizada. As violências que a vítima sofreu enquanto estava na casa de seus agressores, as pessoas que a submetam ao trabalho análogo à escravidão, são narradas no episódio três do *podcast* — “Uma rua em silêncio” — por meio da leitura de um documento oficial que relatava o caso.

Um dia, a vítima estava limpando cacos de vidro do chão da casa, e por acidente se cortou. A ferida na perna infeccionou depois de alguns dias. Margarida Bonetti comprou gaze e uma pomada para a vítima, mas se recusou a levá-la a um médico, por mais que a ferida tenha piorado. Quando a vítima foi finalmente levada a um hospital, mais de um ano depois, ela foi diagnosticada com uma osteomielite, uma infecção óssea causada por bactérias, e teve de passar quatro dias internada. A infecção foi tratada, mas deixou a vítima com uma cicatriz na perna (A Mulher..., 2022).

As descrições são envoltas em uma paisagem sonora melancólica, mas ganha o tom de suspense quando Chico Felitti diz “falta alguma coisa de humano. Falta saber de onde essa pessoa, explorada a vida inteira, tirou força para denunciar o que acontecia” (A Mulher..., 2022). A frase é tensionada com o fundo escolhido e dá um ar de esperança, de que é o jornalista quem irá descobrir o que aconteceu e assim dar espaço para a vítima. As violências sofridas por ela se transformam em um trampolim para que o jornalista dê continuidade à narrativa investigativa misteriosa que constitui o conteúdo.

A casa no número 10.600 da *Seneca Ridge Drive* não poderia ser menos abandonada. É um imóvel retangular e que ocupa meio quarteirão. As paredes dos dois andares são de tijolos pintados de cinza, com uma varanda de madeira branca, cinco janelas em cada um dos pisos e uma caminhonete gigante parada entre a entrada e a garagem, que fica com a porta escancarada. A frente da casa é um gramado suave como um tapete, de onde sai um único pé de carvalho, beirando a calçada. Essa casa é um retrato da

paz, inclusive na trilha sonora, o único ruído ao redor dela em um fim de semana é o som de pássaros. Só falta um detalhe para ser uma casa americana de filme, uma cerca de madeira branca. E as casas de Gaithersburg não têm cerca porque elas não precisam de cerca. Essa cidadezinha, que fica há uma hora e meia de carro de Washington, é um dos lugares mais seguros dos Estados Unidos. Gaithersburg é uma cidade tradicional, foi palco de batalhas na guerra de secessão que definiu a democracia americana como ela é hoje (A Mulher..., 2022).

A casa descrita na citação acima é a casa onde aconteceu o crime, nos Estados Unidos, apesar de saber disso, a informação só é passada para o ouvinte depois que Chico Felitti descreve a casa como um “retrato de paz” (A Mulher..., 2022), e se debruça sobre a história da cidade estadunidense. Após toda a narração de sua caminhada pelo bairro rico (*Seneca Ridge Drive*) Felitti finalmente diz que foi naquele gramado que, há 20 anos atrás (pensando o período de publicação do *podcast*), uma pessoa foi resgatada, uma empregada doméstica brasileira que passou esse período “trabalhando mais de 12 horas por dia, sem ganhar um centavo por isso. Sendo ofendida, humilhada e agredida por duas pessoas que faziam parte da elite do país dela, até que um dia, ela conseguiu fugir” (A Mulher..., 2022). Neste ponto, a crítica se concentra na descrição desnecessária que o narrador faz de um local de crime, levantando toda a beleza, calma e segurança do local para, somente depois, revelar que essa foi a casa onde o crime ocorreu.

Ainda no terceiro episódio de “A Mulher da Casa Abandonada”, o autor do *podcast* se mantém detalhando algumas situações vividas pela vítima, tudo isso a partir do processo judicial que ele encontrou durante sua busca pela história. O jornalista enfatiza sua preocupação com o nome da vítima:

O processo não repete tantas vezes a palavra vítima, fui eu quem substitui todas as menções ao nome completo dessa pessoa pelo mesmo termo. Na época, o nome e sobrenome completos dela foram publicados em quase todas as reportagens que saíram sobre o assunto, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Mas, nesta série, a gente não vai usar o nome dessa pessoa, porque ela não cometeu crime nenhum e, por isso, não é obrigada a ter sua existência ligada a essa história de dor e de exploração. Porque ela tem o direito de seguir adiante (A Mulher..., 2022).

A reflexão merece atenção porque apresenta uma certa contradição em relação a forma como o próprio narrador conduz a série. Ao mesmo tempo em que Felitti observa que a vítima não deve ter sua vida vinculada a uma história de exploração, ele explora o caso e descreve violências explícitas sofridas por ela, agressões, inclusive, que só aparecem nos registros como cometidas por Margarida Bonetti, mas Renê Bonetti está ligado aos casos de negligência de forma direta, como ressalta o próprio Chico Felitti.

Duarte e Nogueira (2010) apontam que uma das bases da sociedade atual é a violência estrutural — conceito estabelecido por Levisky (2010).

Percebe-se que a violência se apresenta de forma oculta, é a violência latente, ou seja, a qualquer momento pode ocorrer ou nunca ocorrer ações violentas propriamente ditas, mas que na verdade cotidianamente ela já ocorre de forma psicológica em cada indivíduo. Assim a violência pode ser entendida como uma estrutura criada e controlada para atuar de forma indireta ou direta coletivamente ou individual através de ideologias, repressões, opressões e omissões. O controle pode ser exercido de uma classe sobre a outra, representado geralmente pelo estado e por alguns agentes sociais (família e religião) (Duarte e Nogueira, 2010, p. 5).

Dessa forma, os meios de comunicação e seus produtos podem ser facilitadores na disseminação da violência para além das ações violentas exibidas na mídia, isso porque a violência estrutural está enraizada nas bases da sociedade, como parte disso, o jornalismo se funde aos estereótipos. No caso do *podcast* analisado neste trabalho, as violências não são apenas descritas detalhadamente — por cima de recursos sonoros —, elas estão, inclusive, na persistência da narração de Chico Felitti.

Desde o momento em que a vítima chegou aos Estados Unidos, a esposa de Bonetti abusou dela fisicamente, às vezes com frequência diária. No primeiro momento, Margarida Bonetti batia na vítima com o punho fechado, mas depois passou a bater na vítima com um sapato. As violências eram tão frequentes que a vítima é incapaz de se lembrar quando começaram. Em uma ocasião, quando a senhora Bonetti não gostou do preparo de uma sopa, ela jogou sopa fervendo no rosto da vítima. Em outra ocasião, a senhora Bonetti arrancou chumaços do cabelo da vítima, o que causou sangramento, porque não gostou de como a vítima estava dando banho no cachorro (A Mulher..., 2022).

Felitti ressalta novamente essas violências no episódio quatro, quando conta a história de quando a vítima resolveu prestar depoimento ao FBI. De acordo com o que o jornalista relata, na segunda vez em que a vítima conversou com o FBI e com o Ministério Público estadunidense “ela contou tudo. Da geladeira trancada, dos murros e das sapatadas na cara, dos puxões que arrancavam mechas de cabelo e deixavam o couro cabeludo minando sangue” (A Mulher..., 2022).

A afinidade entre mídia e violência é destacada por Yves Michaud (1989) quando ele observa a violência como crise em relação à normalidade, o que atrai o interesse do jornalismo que se fixa em acontecimentos que quebram o padrão de um dia calmo. Para o autor,

Uma das consequências mais importantes da ação da mídia é contribuir para tornar a violência irreel banalizando imagens. A realidade da violência não é estética, as fotografias do local de um atentado dão uma pálida ideia da

náusea provocada por restos humanos despedaçados e pelo sangue em poças ou salpicado nas paredes (Michaud, 1989, p. 51).

Michaud chama esse fenômeno de “violência em papel brilhante, violência com celofane” (Michaud, 1989, p. 51). As reflexões do autor ajudam a pensar como a violência é banalizada pela mídia para além das imagens. O conteúdo sonoro também contribui para a criação de imagens no ouvinte, ainda mais quando este aparece sob uma narração que provoca curiosidade e constrói uma história digna de segurar e entreter o consumidor.

5.4 Termos que denotam interesse no espetáculo

Todos os aspectos destacados nas categorias acima podem ser analisados pela ótica da espetacularização. A forma como Chico Felitti descreve Margarida Bonetti em “A Mulher da Casa Abandonada”, envolto de paisagens sonoras que remontam ao mistério e ao curioso, contribui para a construção de uma imagem da mulher, inclusive a associando à figura da bruxa. Como já apontado aqui, o jornalista escolhe destacar características curiosas de Margarida Bonetti. Elementos como a pasta branca que a mulher usa no rosto — que é citada diversas vezes ao longo da série —, o pequeno caderno da Pequena Sereia, as atitudes em relação à vizinhança, as preocupações e, até mesmo, a situação decadente da mansão, levam o ouvinte a projetar uma personagem que não necessariamente condiz com a realidade.

Por meio das escolhas narrativas e dos ambientes criados pelo *podcast*, a indução ao suspense é reiterada diversas vezes ao longo da série, principalmente nos dois primeiros episódios. Em uma das entrevistas que Chico Felitti faz com pessoas que moram ou trabalham na vizinhança, quando tenta entender mais sobre Margarida Bonetti, ele utiliza de artifícios de mistério para falar sobre a mulher. Em dado momento, Felitti interrompe as sonoras do entrevistado e diz que ele para de falar na hora em que Margarida Bonetti aparece na janela olhando para eles, que estão conversando na frente da casa. A trilha sonora de suspense é adicionada ao fundo do relato do narrador:

E nós dois vemos a mulher da casa abandonada enquanto conversamos em um banco da praça. Ela está com uma faixa no cabelo, e seu rosto está coberto pela camada grossa e branca de pomada. Margarida olha para um lado e olha para o outro, e então olha para nós! Exatamente na frente dela, há 30 metros da janela (A Mulher..., 2022).

O jornalista assume a ideia de uma personagem caricata e excêntrica, e sabe que a pomada branca faz parte desse conjunto de características curiosas, sendo assim, escolhe destacá-la. Mesmo já tendo sido revelado no *podcast* que Margarida Bonetti é foragida de outro país por escravizar uma mulher negra nos Estados Unidos, o narrador insiste em

retratá-la como “a mulher da casa abandonada”, fortalecendo ainda mais a figura de Bonetti. Os recortes que Felitti utiliza para compor a série contrapõem o que ele diz ser o objetivo do conteúdo: denunciar o trabalho escravo contemporâneo.

Desde a veiculação do primeiro episódio de “A Mulher da Casa Abandonada”, Chico Felitti sabia o desfecho da história e que Margarida Bonetti não havia sido condenada, nem seria, mas escolheu contar apenas no final da série, para prender o ouvinte na narrativa de mistério. No sexto episódio da série, o penúltimo, Felitti diz: “Acontece que eu escondi uma coisa de vocês até agora. De propósito. E eu peço desculpa sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora” (A Mulher..., 2022). Então o que era importante para a história? Captar o público é mais importante para Felitti do que denunciar a escravidão contemporânea. Para Guy Debord (2003, p. 15),

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo.

Para Brittes e Dornelles (2022), desde o modelo propagandista do século XIV o jornalismo conta com dificuldades para captação do público, o que constitui o paradigma da informação. Os autores explicam que as notícias encontram o desafio de serem atraentes, como um produto, “convidativas à leitura e sobressaírem-se no emaranhado cenário informativo dos nossos dias, em que o público cada vez mais tem acesso a todo tipo de conteúdo por diferentes plataformas midiáticas” (Brittes e Dornelles, 2022, p. 70).

Observado o grande número de ouvintes de “A Mulher da Casa Abandonada”, os rumos que o autor do podcast toma produzem o efeito esperado. Felitti critica o circo criado ao redor do conteúdo, mas, levando em consideração as escolhas narrativas do autor, é previsível que o público mergulhe na história e esvazie o real significado proposto pelo jornalista. É a própria produção do podcast quem influencia a espetacularização do material.

É dessa forma que Debord (2003) encara a espetacularização, como um artifício que atende a lógica capitalista. Ele reflete que

Conforme as necessidades do estado particular da miséria, que ele desmente e mantém, o espetáculo existe sob uma forma concentrada ou sob uma forma difusa. Nos dois casos, ele não é mais do que uma imagem de unificação feliz, cercada de desolação e de pavor, no centro tranquilo da infelicidade (Debord, 2003, p. 46).

Por isso, o espetáculo está intrinsecamente ligado ao modo de produção existente. Sendo assim, sob as diversas ramificações da mídia, o espetáculo domina os interesses e

converte um conteúdo que deve ser informativo e com caráter de denúncia — mas com cuidado e respeito — em mero produto comercial, com interesses que concorrem com qualquer tentativa de humanização e debate ético.

6 CONCLUSÃO

O *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” bateu recordes de audiência durante sua veiculação⁵. A repercussão desenfreada do conteúdo escrito pelo jornalista Chico Felitti para *A Folha de S.Paulo*, foi intensa ao ponto de levar pessoas a visitarem o bairro onde estava a mansão abandonada, tirando fotos em frente a casa ou repercutindo conteúdos na internet de pessoas com pasta branca na cara — remetendo a uma das características mais descritas sobre Margarida Bonetti no *podcast*. Por isso, este trabalho observou como as escolhas narrativas e sonora para o *podcast* contribuíram para sua espetacularização. Sobretudo, os pontos destacados aqui refletem sobre como o racismo se revela no conteúdo jornalístico do material.

Observados os aspectos que caracterizam Margarida Bonetti — de acordo com as descrições minuciosas de Chico Felitti —, foi evidenciado como as escolhas de adjetivos específicos para representar Margarida Bonetti estão atrelados à construção de uma figura misteriosa. O autor torna a mulher branca, que escravizou uma mulher negra, protagonista do enredo, reforçando, inclusive, noções que remontam a infantilização de mulheres brancas perante mulheres negras (Albuquerque e Diniz, 2022).

O silêncio e omissão do jornalista em relação aos impactos do racismo na estrutura dominante — inclusive na problemática central: escravidão contemporânea — ressaltam o distanciamento de raça projetado pelo conteúdo. A cada dito e não dito, “A Mulher da Casa Abandonada” afasta a branquitude de sua culpa racista e privilégios consequentes da discriminação de raças.

A descrição de violências sofridas pela vítima da história, uma mulher negra que foi passada como herança para a família de Margarida Bonetti, contrapõe o objetivo jornalístico definido por Felitti na descrição do *podcast*: denunciar o crime análogo a escravidão. Apesar de reiterar que a vítima não deve ter sua história ligada ao crime, já que não é nenhuma criminosa, o narrador se contrapõe à sua própria afirmação. Mais de uma vez as agressões físicas sofridas pela vítima são descritas no *podcast*, além das violências estruturais nítidas em todo o conteúdo do *podcast*, em cada constatação da estrutura racista, que se aproveita de dores sofridas por pessoas negras para entretenimento, e, ainda, distancia o ouvinte do real problema.

O *podcast* se utilizou de ferramentas específicas para segurar o ouvinte e manter seu interesse. Do início ao fim, o jornalista autor do *podcast* parece reforçar a dificuldade de sair

⁵Disponível em

<https://exame.com/marketing/esta-tatica-de-marketing-impulsionou-a-mulher-da-casa-abandonada/>

da sua posição privilegiada da sociedade para enxergar novas perspectivas dessa história que escolheu narrar. A condição para o lucro e a repercussão se baseia na exploração de dores seculares, assim como na omissão da herança escravocrata.

Dessa forma, pode-se concluir que a própria produção do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” contribuiu para a repercussão espetacularizada de seu conteúdo, reforçando, ainda, lugares-comuns de gênero e raça. A partir das marcações feitas pelo jornalista sobre Margarida Bonetti, bem como das descrições de cenários, impressões e violências, o autor do podcast conduz a curiosidade do ouvinte. Como consequência, a exploração da dor em prol da narrativa sobrepõe a denúncia à escravidão contemporânea.

REFERÊNCIAS

- #5: Os piores padrões.** [Locução de:] Tiago Rogero: projeto Querino, agosto de 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7AEaa78MtQBjc0ZkFdiM9u>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.
- ALBUQUERQUE, Fabiane; DINIZ, Vanessa. A infantilização de mulheres brancas: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades. **Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais**, v.17, Juiz de Fora, p. 60-69, nov e dez. 2022.
- A Mulher da Casa Abandonada.** [Locução de:] Chico Felitti. São Paulo: Folha de S.Paulo, junho-julho de 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.
- BARBOSA, Isabela. **Jornalismo Narrativo em Podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário.** 2015. p 72. Trabalho de conclusão de curso. Jornalismo, PUC-RIO, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>>. Acesso em: 13 de se
- BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Brasil: Zahar, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.
- DUARTE, Risaldo; NOGUEIRA, Amélia. Cotidiano e violência: a espetacularização da violência como subsistema na sociedade de consumo dirigido. **Revista Geonorte**, V.9, N.31, p.77-88, 2018.
- Esta tática de marketing impulsionou ‘A Mulher da Casa Abandonada’.** Exame, 21 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://exame.com/marketing/esta-tatica-de-marketing-impulsionou-a-mulher-da-casa-abandonada/>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.
- ESTEVES, Lorena Cruz Esteves, Et al. A linguagem espetacular da mídia sobre adolescentes em vulnerabilidade social: O caso do jornal paraense O Liberal. **X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã UNESP, FAAC**, Bauru-SP, 22-24 de abril de 2015.
- FARIAS, Natália. FERREIRA, Bruna Milene. O poder das mídias na sociedade do espetáculo: indústria cultural, comunicação de massa e consumo na modernidade. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, v 6, N 2. p 117-130, jan-dez 2020.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, jul.-dez., 2017.

GONÇALVES, Silvia Caroline. Violência e Mídia: espetacularização em jogo. In: **IX EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica Unicesumar**, Maringá, PR, 2015, p. 4-8, nov. 2015.

HAYECKE, Caynara Marques. Refletindo sobre a violência. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano I - Número I. p 1-8. julho 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, M. Pensar o rádio como plataforma. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. DOI: 10.55738/alaic.v22i44.1067. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1067>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

LACERDA, Nara. **A Mulher da Casa Abandonada: estamos falando sobre o que realmente importa?** Brasil de Fato, São Paulo, 21 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/21/a-mulher-da-casa-abandonada-estamos-falando-sobre-o-que-realmente-importa>.

LEAL, Daiana Ramos. O resgate das Madalenas: mucamas do século XXI. **Dossiê “História a Contrapelo”**, HR V5N2. p 22-31. 2022.

LEVISKY, D. L. **Uma Gota de esperança**. In: ALMEIDA, M.G. (org.). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LINDGREN, Mia. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

MACHADO, Thaís Nascimento; ARCE, Tacyana. Bandidas: como o jornalismo policial constrói o estereótipo das mulheres criminosas. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte/MG, 2018

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.

MORAIS, Yasmin. **O que ‘A Mulher da Casa Abandonada’ nos diz sobre a expiação do racismo e a espetacularização da miséria?** Carta Capital, 25 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/o-que-a-mulher-da-casa-abandonada-nos-diz-sobre-a-expiao-do-racismo-e-a-espetacularizacao-da-miseria/>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

NETO, L Berto. Acidentes de carro em jornais digitais brasileiros: Uma análise do Jornal de Brasília, Correio Braziliense e Metrôpoles. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 13º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR), Universidade de Brasília (UnB) – Brasília (DF). p 1-15. 2023.

NUNES, Ana Karin, MOSER, Vinicius. A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. **Rizoma, Santa Cruz do Sul**, v. 4, n. 2, p. 299, dezembro de 2016.

OLIVEIRA, Gisele Lima de. Eloá e o feminicídio: assassinatos silenciados e naturalizados como espetáculo. **Conferência Internacional de Estudos Queer**. p 1-12, 2018.

Representações femininas em Branca de Neve e os Sete Anões e Valente. 2013. p 1-120. Monografia. Comunicação social, Pós graduação UCB, 2013.

SILVA, Thamires **A espetacularização da violência pela mídia**. 2023. Trabalho de conclusão de curso. Psicologia, UFMG, Goiânia, 2023.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, J.; FORT, M. C.; BOLFE, J. S. Produção Audiofônica: uma análise de estilos frequentes na podosfera brasileira. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 78-111, jan./abr. 2020

VAZ CHAGAS, Luan José; VIANA, Luana. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais. **Observatorio (OBS*)**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2024. DOI: 10.15847/obsOBS18120242369. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2369>. Acesso em: 13 de setembro de 2024. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

VERDUM, Kelvin. **A morte como infotainment: uma análise dos principais podcasts de true crime do Brasil**. 2023. p 1-78. Monografia. Jornalismo, UFSM, Campus Frederico Westphalen, 2023.

VIANA, Mateus da Rocha. Decolonizando afetos: a presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser. **Revista Textos Graduados**, Número 1, Volume 5, Janeiro. p 69-84.2019.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. Tradução . São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e formatos radiofônicos. **Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP**. p 2-4.